

O Ser Humano como Evento da Autocomunicação de Deus na Antropologia de Karl Rahner

Diego Patricio Vera Vélez¹

Resumo: A presente pesquisa busca apresentar o ser humano como o evento da autocomunicação de Deus na antropologia de Karl Rahner. Nosso objetivo é apresentar uma análise do pensamento rahneriano a partir de alguns traços gerais da sua antropologia. Rahner apresenta a autocomunicação de Deus, não como característica exclusiva do cristianismo, mas como oferta que abrange a todos os seres humanos de diversos tempos e lugares no decorrer da história e até o final dos tempos. Para o autor, a autocomunicação de Deus é, sobretudo, o anúncio de uma história sempre nova de salvação, que mostra o agir salvífico de Deus para o ser humano de hoje. As conclusões da nossa pesquisa visam os desafios de compreender o que significa dizer hoje que o ser humano é o ponto de partida da reflexão teológica considerando a antropologia como o fundamento indispensável no fazer teológico atual.

Palavras-chave: Ser humano. Autocomunicação. Antropologia. Karl Rahner.

INTRODUÇÃO

Karl Rahner é considerado um dos maiores teólogos do séc. XX e um dos mais significativos e influentes do Concílio Vaticano II. Caracterizou-se principalmente como um *místico* de profunda e rica reflexão teológica que renovou a face da teologia contemporânea. Sua principal preocupação radicou-se na transmissão da fé, buscando respostas adequadas à questão sobre *como o ser humano moderno podia crer*. O grande desafio de sua teologia foi a construção de bases teológicas em favor do diálogo entre teólogos e cientistas, assim como entre o cristianismo com as religiões não-cristãs.

Os fundamentos teóricos da nossa pesquisa, foram extraídos principalmente das quatro primeiras seções do livro *Curso Fundamental da fé*: introdução ao conceito de cristianismo. Em cada seção desta obra, Rahner apresenta uma característica própria do ser humano. A primeira seção apresenta-o como um ser de transcendência, responsabilidade e liberdade, porém condicionado pelo tempo e pela história. Na segunda seção, o ser humano é compreendido na sua condição de criatura perante o *Mistério Santo* de Deus. Na terceira seção, como um ser livre, mas ameaçado radicalmente pela culpa. E, na quarta seção, o ser humano é compreendido como o evento da livre e gratuita autocomunicação de Deus.

¹ Licenciado em Ciências da Educação e Filosofia. Bacharel em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia y Teologia. diegocavanis2011@hotmail.com. O presente texto é o resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica, feito sob a orientação do Prof. Geraldo De Mori, tendo sido discutida no Grupo de Pesquisa “As interfaces da antropologia na teologia contemporânea”, liderado pelo orientador da pesquisa.

A pesquisa realizou-se utilizando o método bibliográfico. No entanto, uma das limitações encontradas, além da complexidade do pensamento de Rahner, foi a leitura e análise da obra original traduzida em outros idiomas. Por esta razão, o texto foi se construindo a partir da leitura articulada da obra original na sua tradução portuguesa e espanhola, procurando uma melhor compreensão conceitual e metodológica. Assim também, para esclarecer alguns conceitos utilizados por Rahner e desenvolvidos no decorrer deste texto, foram utilizados os seguintes livros: Karl Rahner: *experiência de Deus em sua vida e em seu pensamento*, de Herbert Vorgrimler; Karl Rahner: *itinerário teológico*, de Bernard Sesboué; e Karl Rahner 100 anos: *Teologia, filosofia e experiência espiritual*, de Pedro Rubens Ferreira e Francisco Taborda.

Organizamos este artigo sistematicamente em três partes. Na primeira parte, abordaremos o ser humano a partir da antropologia de Karl Rahner. Na segunda parte, refletiremos sobre o ser humano entre a experiência de culpa e de perdão, explicando como o ser humano, constituído da graça e orientado para Deus está marcado pela temporalidade e ameaçado radicalmente pela culpa. Na última parte, refletiremos sobre o ser humano como evento da autocomunicação de Deus, compreendendo a autocomunicação não como mérito do ser humano, mas como gratuidade e liberdade do amor transcendente de Deus.

1 O SER HUMANO NA ANTROPOLOGIA DE KARL RAHNER

Um dos maiores aportes de Rahner à teologia contemporânea foi seu vasto trabalho na compreensão do divino e sua relação com a condição humana. Para Rahner, Deus é Mistério Santo de amor que se autocomunica ao ser humano livremente. Daí a necessidade desta pesquisa por tentar apresentar a intrínseca relação entre Deus que se autocomunica, e o ser humano que recebe essa autocomunicação como graça. A partir da *virada antropológica* de Rahner, compreendemos a impossibilidade de falar do ser humano sem ter que ao mesmo tempo, referir-nos a Deus, porquanto a transcendentalidade do ser humano está inserida no mistério salvífico de Deus.

De acordo com Rahner (1979, p. 40) a primeira coisa que se deve dizer acerca do ser humano é que é pessoa e sujeito e que, apesar do intento das ciências antropológicas empíricas por compreender sua realidade última, unicamente não conseguiram analisá-lo e explicá-lo de maneira parcial. No entanto, o ser humano é o fundamento de toda antropologia e não deve ser reduzido a uma única *antropologia regional*. Por esta razão, para Rahner, o foco de análises mais adequado para compreender a condição humana é aquele da filosofia e da teologia.

A reflexão rahneriana situa-se em um nível de unidade filosófico-teológica e procura refletir sobre a autorrealização humana, própria da análise filosófica, e sobre a existência e autorrealização cristã, própria da reflexão teológica. Ambas disciplinas não possuem uma área específica de conhecimento sobre o ser humano reservado exclusivamente a elas. Ao contrário, em ambas o ser humano experimenta-se como sujeito e pessoa à medida que se

torna consciente de si mesmo, e precisamente essa consciência de si, esse confronto com a totalidade de todos os seus condicionamentos, evidencia que ele é mais do que a soma dos seus fatores.

Apesar de ter sido considerada *antropocêntrica* e acusada não em poucas ocasiões de esquecer-se de Deus para dedicar-se exclusivamente ao ser humano, a *teologia transcendental* de Rahner não desvincula o ser humano de Deus em sua reflexão, pelo contrário, considera a Deus como o absoluto e incondicionado a quem o ser humano está intrinsecamente vinculado enquanto fundamento de todo pressuposto antropológico. Portanto, não existe na teologia rahneriana um esquecimento de Deus enquanto verdade absoluta, mas sim uma preocupação pelo ser humano que, *afastado de Deus*, não se considera mais o evento da sua autocomunicação.

De acordo com Rahner (1985 *apud* VORGRIMLER, 2006, p. 213-215), uma teologia que pergunta pela salvação do ser humano e que busca os caminhos através dos quais a salvação atinge todos os homens e mulheres, é uma *teologia antropológica*, porém nem por isso perde seu caráter *teocêntrico*. Se consideramos Deus como uma realidade transcendente, a salvação há de considerar-se como plenitude de toda existência que o próprio ser humano por si mesmo não consegue atingir. O giro antropológico de Rahner destaca que toda resposta à pergunta sobre Deus deve emergir da reflexão do próprio ser humano sobre si mesmo na interpretação de suas experiências. A teologia de Rahner não é, em sentido estrito, uma análise meramente filosófica, mas sim, uma teologia que reflete a partir de métodos e pressupostos da filosofia. Daí decorre também um pressuposto necessário, sem o qual a teologia de Rahner não pode ser entendida nem transmitida, aquele da pergunta do ser humano sobre si mesmo.

Em contraposição com a teologia escolástica, que pressupôs o espírito ou a alma imortal como um dos elementos dentro da totalidade do ser humano que se podem achar imediatamente em *estado puro*, distinto em sua pureza do resto do ser humano. Rahner, considera que o ser humano é situado perante si mesmo como um todo que experimenta sua finitude, mas que atinge sua existência além dessa limitação, percebendo-se como um ser de transcendência remetido e orientado para Deus. Portanto, o ser humano para Rahner (1989) “não é a infinitude não-questionada, dada sem problematizações da realidade. Ao contrário, ele é a pergunta que se levanta perante ele, vazia, mas de forma real e inevitável, à qual nunca pode superar nem dar uma resposta adequada” (p.46).

Assim também, Rahner considera que o ser humano é a condição de possibilidade da resposta cristã: *o ouvinte da Palavra*, que se caracteriza principalmente como um ser a caminho e na medida que se percebe como um ser a caminho, percebe-se também como um *ser livre*, dotado de uma liberdade que abrange a plena realização de toda sua existência. Porém, é preciso pressupor a liberdade não como a possibilidade de fazer a vontade da pessoa sem o uso adequado da sua consciência, mas como a faculdade de decidir criticamente suas ações e construir-se a si mesmo no exercício da responsabilidade. Por tal razão, Rahner afirma que:

Somente quando a pessoa se percebe como sujeito livre e responsável perante Deus e assume essa responsabilidade é que ela entende o que é a autonomia e que essa não decresce, mas aumenta na mesma proporção que a dependência com referência a Deus. Somente então é que se nos torna claro, que o homem é ao mesmo tempo autônomo e dependente do seu fundamento (RAHNER, 1989, p. 101).

A liberdade é sempre mediada pela realidade concreta do espaço e do tempo, pela corporalidade e pela história de cada pessoa. De acordo com Rahner (1989, p. 51-58), o ser humano é consciente de sua finitude e procedência histórica, assim como da contingência de sua posição de partida. Ele se situa em certo sentido para além deste condicionamento, embora, não pode deixá-lo atrás. Para o autor, é na história que o ser humano deve realizar sua salvação à medida que a encontra ofertada na vida e nela a acolhe. Portanto, a eternidade do ser humano na sua realidade finita e limitada, só pode ser compreendida na vivência constante da liberdade autêntica amadurecida além do tempo.

A antropologia de Rahner concebe essencialmente o ser humano como um ser espiritual, voltado para Deus, capaz de transcender suas limitações e de tender à eternidade. Porém, essa experiência transcendental não é atingida além da realidade humana, ela é existencial e é mediada pelas realidades concretas do mundo real. Aliás, para Rahner (1989) “não é na natureza, mas é em si próprio, e no mundo que o ser humano faz a experiência de sua condição criada e pode encontrar-se com Deus” (p. 102).

Não obstante, a que nos referimos quando afirmamos que o ser humano é um ser espiritual orientado e remetido para Deus? Para Rahner:

Se trata desse ser que se possui a si mesmo na medida em que tende a Deus e transcende todas as limitações do ser finito. Percebe-se assim que na análise filosófica e teológica mais profunda, o antropocentrismo e o teocentrismo são similares. Como um cristão pode falar corretamente de Deus se não fala também do ser humano? A *Palavra Encarnada* é e continua sendo o humano eterno e sem limites. [...] Se se quiser falar adequadamente de Deus, deve-se falar do ser humano (RAHNER apud SESBOÜÉ, 2004, p. 67).

Assim também, Rahner (1989) concebe que o ser humano é constituído de duas dimensões, por um lado, uma dimensão *categorial*, que se refere ao conhecimento explícito e objetivo próprio da razão, e por outro lado, uma dimensão *transcendental*, que é originária da sua consciência e o fundamento de todo conhecimento reflexivo, próprio de sua espiritualidade. Com isso, Rahner (1985 apud SESBOÜÉ, 2004) busca mostrar que “todo ser humano é habitado por uma *experiência transcendental* que anima desde dentro toda a sua atividade categorial [sensível], e que transcende sua finitude experimentando-se como um *ser espiritual* voltado para o divino” (p. 96).

O conhecimento e a ação do ser humano, enquanto dimensão *sensível* da condição humana, desenvolvem-se no âmbito da experiência. Esse âmbito da experiência, como acabamos de dizer, é chamado por Rahner de *categorial*, fazendo alusão dessa forma ao concreto, ao empírico, ao objetivo, à realidade espaciotemporal do ser humano e, portanto, também ao histórico. No entanto, Rahner (1985 apud VORGRIMLER, 2006) também afirma que “no ser humano “existe também um outro fundamento que não foi constituído a partir do campo da experiência, esse fundamento *apriórico* pode ser chamado de estrutura transcendental da subjetividade humana” (p. 222). Ou seja, o ser humano é mais do que um ser histórico, experiencial e racional, ele é essencialmente um ser espiritual, e, portanto, está voltado inteiramente a Deus que se lhe revela como *Mistério*.

Já que por sua natureza é espírito, o ser humano está ordenado todo o tempo para o *Mistério Santo de Deus*. Ele vive sempre desse mistério, mesmo quando não tem consciência disso. Portanto, pode-se interpretar a teologia rahneriana como uma teologia que, de acordo com Taborda (2005), “vai do Mistério que se autocomunica ao ser humano, ao Mistério que, por ter-se comunicado em verdade e amor ao ser humano, é a síntese de tudo” (p. 57). Assim, Rahner apresenta o ser humano voltado para o mistério, e ao mesmo tempo, apresenta esse mistério que eleva em graça o ser humano.

Na teologia neoescolástica, *mistério* é algo que cessa de ser mistério na visão beatífica quando o ser humano contemple a face de Deus. Para Rahner, a essência de Deus é ser Mistério, portanto, a persistência do mistério e o conhecimento dele, longe de ser uma deficiência da razão, é a mais elevada forma de conhecimento do ser humano. O motivo pelo qual devemos chamá-lo de mistério, segundo Rahner (1989, p. 104-108) é o fato de não lhe poder abarcar nem determinar através de pressupostos dados na experiência. O Mistério de Deus que se caracteriza pelo amor, abre nossa transcendência, a qual não é colocada por nós e por nossas forças, mas pelo amor do próprio Deus. Deus está em toda parte à medida que é o fundamento de todo, e não está em parte nenhuma à medida que toda a realidade por ele fundamentada é criatura. Assim, a interpretação cristã da experiência transcendental de Deus consiste em que o Mistério Santo se faz presente não apenas como distância fria para nos lançar em nossa finitude, mas também na forma da proximidade de perdão e de absoluta oferta de si mesmo aos seres humanos.

Finalmente, a teologia de Rahner considera que Deus é o Mistério que se oferece como fundamento de toda existência humana, ou seja, quando todos os apoios que sustentam a vida do ser humano cambaleiam, o *Mistério Santo* de Deus continua firme. Deus está onde o ser humano aceita sua existência em meio do sofrimento, Ele está onde a pessoa entrega e confia todo seu conhecimento e todas suas perguntas ao mistério silencioso, que, mesmo sem percebê-lo, permanece presente.

2 O SER HUMANO ENTRE A EXPERIÊNCIA DA CULPA E DO PERDÃO

As origens do ser humano nos remetem quase inevitavelmente a pensar no jardim primitivo do Gênesis e ao primeiro encontro na relação de Deus com o ser humano há milhares

de anos. Não entanto, pensar na criação deve-nos conduzir a conjecturar um processo que se acha em andamento e é atual. A criação, segundo Rahner (1989, p. 101) é um ato constante de liberdade e responsabilidade do ser humano em Deus. Quando a pessoa se percebe como um sujeito livre e responsável, toma consciência de sua dependência com referência a Deus, percebendo-se ao mesmo tempo, autônomo e dependente do seu fundamento. Por um lado, o ser humano é constituído da graça e orientado para Deus, e por outro lado, é constituído da natureza humana, marcada pela temporalidade e ameaçada radicalmente pela culpa.

Mas, a que nos referimos quando afirmamos que o ser humano é ameaçado pela culpa? De acordo com Rahner (1989, p. 114) culpa e pecado constituem um tema central no cristianismo. Se afirmamos que na morte e ressurreição de Jesus Cristo, Deus redimiu o gênero humano, estamos afirmando também que o cristianismo é uma religião portadora de redenção. Portanto, o cristianismo entende que o ser humano é um ser cuja ação livre culposa não é um *negócio privado* dele, como se o próprio sujeito pudesse depois de perpetrada sua culpa purificar-se pelo seu próprio poder e força. Pelo contrário, embora o sujeito seja o responsável da sua culpa e pecado, uma vez cometidos, só podem ser superados pela ação redentora de Deus.

Neste sentido, a compreensão cristã do pecado e da culpa é ambígua. Por um lado, pecado e culpa, uma vez consumados, dependem da ação salvadora de Deus e são alheios à vontade de redenção individualista do sujeito; e por outro, o ser humano de hoje não teme mais a Deus. Segundo Rahner (1989, p. 115-116), os seres humanos da contemporaneidade não têm consciência clara de que estejam perante Deus em estado de culpa e pecado e de que não se podem libertar por si mesmos. Pelo contrário, no imaginário atual dos seres humanos, é Deus quem deve justificar perante o ser humano o estado deteriorável do mundo. Paradigmaticamente, o ser humano não é mais o causante da condição em que se acha o mundo e o gênero humano, mas o fruto deste constante deterioro.

Na reflexão sobre o *mistério da culpa e do perdão divino*, Rahner afirma que o ser humano

tem a impressão de que não tem por que responder diante do Deus da culpa, do mal que ele comete, e que se volta contra ele de muitas formas pela reação da natureza ou da sociedade. Deus, mais do que ele mesmo, é o responsável pelo mal e pelo sofrimento resultante: a história do mundo não é um juízo sobre o homem e sua liberdade, mas sim uma causa contra Deus, que diz ser santo e causa ou permite o mal no mundo (RAHNER, 1993, p.15).

O ser humano deve considerar-se livre e responsável, capaz de contemplar pontos culminantes na história que não podem ser suprimidos da sua responsabilidade. É essa história cheia de condicionamento e erros dolorosos que o ser humano existe e não só padece. Não obstante, mesmo na culpa e no pecado, Deus não tira do ser humano sua graça redentora. Ele

permanece imutável, agindo como *Mistério Santo* de perdão e respeitando cada sujeito na sua liberdade e responsabilidade.

De acordo com Rahner (1989, p. 119-121), a liberdade e a responsabilidade integram os fundamentos da vida humana. A liberdade é a capacidade de cada sujeito para decidir sobre si mesmo como um todo. Não é a faculdade neutra que ora faz isto e ora faz aquilo. Ela possui um único ato que visa a autorrealização do ser humano e que é mediada por atos singulares realizados no mundo e na história. A liberdade deve ser compreendida como faculdade e evento do *eterno*, algo que perdura além do tempo, à qual não assistimos como simples espectadores externos, senão que o constituímos como eternidade do que somos e seremos.

A vida do ser humano plenamente livre é inevitavelmente uma constante resposta à autocomunicação de Deus. Não obstante, perante essa autocomunicação divina, existe a possibilidade de rejeição do ser humano, e mesmo que esta rejeição constitua uma contrariedade à própria liberdade [enquanto fecha um horizonte constitutivo do ser humano], Deus continua respeitando cada ser humano em sua liberdade e autonomia. De acordo com Rahner (1989, p. 128) jamais saberemos com certeza última se realmente somos pecadores, mas sabemos com certeza última que realmente o podemos ser. Portanto, experimentamos o pecado como possibilidade permanente e nunca superável ao longo de toda nossa vida.

O ser humano, enquanto sujeito livre e responsável, é um ser inserido no mundo, na história e na trama das relações interpessoais, ou seja, ele se realiza em situações determinadas pela história e pelas ações dos outros. Para Rahner (1989, p. 133) o ser humano não é uma ilha separada da história. Pelo contrário, ele é próximo ou remotamente codeterminado pela culpa dos outros. Deste modo, não existe para a humanidade a possibilidade de superar definitivamente a situação de liberdade determinada pela *culpa primeira*, a qual chamamos de *pecado original*.

O *pecado original* é o termo utilizado tradicionalmente para referir-nos ao pecado dos primeiros pais no jardim do Gênesis e para pensar a queda do ser humano diante da vontade de Deus e do uso inadequado da sua liberdade. Porém, de acordo com Rahner (1989, p. 138), o pecado original, vai além dessa concepção clássica, não significa que o ato pessoal de liberdade do primeiro início da história se tenha transmitido às gerações subsequentes em sua qualidade moral, mas que nossa situação pessoal de liberdade se acha codeterminada de forma insuperável pela culpa alheia. Portanto, a natureza do pecado original deve compreender-se como consequência da culpa de determinados seres humanos na história, pela unidade do gênero humano e pelo fato do ser humano achar-se inserido no mundo e na história.

Deste modo, o *pecado original* deve ser compreendido nos seus efeitos perniciosos que repercutem nas gerações subsequentes. Porquanto, a culpa de uma ou de algumas pessoas co-determina as futuras gerações. Por exemplo, se analisamos a alarmante situação do planeta, a desigualdade desumanizante e o fenômeno da guerra, percebemos com clareza a que nos referimos quando falamos do pecado original como repercussão de gerações anteriores. Se compreendemos adequadamente a narrativa bíblica sobre o pecado dos primeiros pais,

percebemos que não é simplesmente uma reportagem de fatos históricos, mas, uma conclusão etiológica que, segundo Rahner (1989, p. 141), infere, a partir da experiência da situação existencial e histórico-salvífica do ser humano, o que deve ter ocorrido nos inícios.

A teologia de Rahner apresenta o *pecado original* unicamente como expressão da situação atual da humanidade. Situação fundada na inexistência do diálogo entre o ser humano e Deus. Nesta perspectiva, a liberdade não deve ser entendida como a capacidade de escolha sempre aberta, que erra até o final, mas como vontade do eterno, que na temporalidade, cria uma definitividade de salvação ou condenação. De acordo com Rahner,

o ser humano vive em plenitude sua liberdade quando sente sua ação passada livre; quando se vê impotente frente ao eterno que aconteceu nela; quando nota, contra uma concepção banal, que ele é o que na sua vida ocorreu; quando não pode escapar de seu passado. E quando, contudo, diz, com uma esperança que não poderia experimentar por si mesmo, que tem que se dar a possibilidade de liquidar a inquietante eternidade de sua culpa, que o constitui por toda a eternidade como traidor do amor, então recorre, com essa esperança contra toda esperança, àquele mistério que abarca toda liberdade humana com sua “eternidade”, e que chamamos “Deus” (RAHNER, 1993, p.19).

3 O SER HUMANO COMO EVENTO DA AUTOCOMUNICAÇÃO DO MISTÉRIO SANTO DE DEUS

O ser humano é o evento da livre e indulgente autocomunicação de Deus, autocomunicação que não pode considerar-se como algo que Deus dá ao ser humano, mas como a vida mesma do Deus Trinitário aberta à toda a humanidade. De fato, não há na história, uma natureza autossuficiente, que exista por si mesma independente da graça. *Natureza pura*, portanto, é um conceito-limite que, segundo Rahner, não existe, já que, graça e natureza constituem duas dimensões de uma só unidade. Por um lado, o ser humano experimenta-se como um ser finito, e ao mesmo tempo experimenta-se como um ser voltado ao *Mistério Santo* de Deus.

A autocomunicação é, antes de tudo, uma *oferta* que antecede a liberdade do ser humano, é uma experiência *apriori* que acontece antes de tomar consciência dela. De acordo com Rahner (1989, p. 163) a pessoa que se abre ao *Mistério Santo de Deus* faz a experiência de que esse mistério não é somente um horizonte infinito e distante, mas uma proximidade acolhedora em quem se pode encontrar abrigo ao sem sentido da própria existência. Todo ser humano que, mesmo na culpa, volta-se confiante para o *Mistério Santo de Deus*, experimenta-se perdoado pelo amor indulgente e redentor de Deus que perdoa à medida que se doa a si mesmo.

A autocomunicação só é acessível pelo caminho da fé. Neste sentido, a fé cristã não é baseada unicamente em ensinamentos sobre realidades extraordinárias acontecidas no

passado, mas é, sobretudo, o anúncio de uma história sempre nova de salvação, que mostra o agir salvífico de Deus para o ser humano de hoje. Segundo Rahner (1989, p. 179) a autocomunicação de Deus, acontecida no decorrer da história, continua aberta a todos os seres humanos até o final dos tempos. A história universal, do modo como nós a conhecemos, é coexistente à história da salvação, enquanto, abarca a história onde quer que ela esteja acontecendo.

Toda atividade salvífica sem fé é impossível, como lembra Rahner (1989, p. 187) a luz da fé sobre a qual acontece a mensagem divina ofertada aos seres humanos de todo tempo e lugar no desenvolvimento da história é sempre a mesma. Se consideramos este pressuposto, os profetas e os santos não foram nada mais do que pessoas que lograram expressar corretamente sua experiência transcendental de Deus, não pelo fato de ter uma graça sobrenatural restrita a eles, mas por assumir essa graça sobrenatural de maneira autêntica.

Um dos pressupostos clássicos da antropologia rahneriana é o denominado *existencial sobrenatural*. *Sobrenatural*, enquanto Deus é graça ofertada a todos os seres humanos; e *existencial*, porque a oferta da graça recebida de Deus não se refere a um conceito abstrato de natureza pura, mas abrange a existência real de cada pessoa. De modo que, segundo Rahner, em cada ser humano habita uma experiência anônima que o orienta para Deus, que ele denominou *homo mysticum*, e significa, que todo ser humano, pela sua natureza, é chamado a uma experiência transcendental de Deus.

Por outra parte, Rahner (1989, p. 208) considera que o ser humano, enquanto criatura, é *distinto e distante* do *Mistério Santo* de Deus que como substância imutável permanece mistério absoluto; porém, enquanto graça, é proximidade plena desse mistério. Deus que se comunica e, o ser humano que na história acolhe sua autocomunicação, tornam-se uma unidade irrevogável em Jesus Cristo. Assim, para o cristianismo, a história como história da salvação atingiu seu clímax em Cristo. Essa revelação apresenta uma característica transcendental e outra histórica como duas faces de uma mesma moeda. Ambas diferentes e interdependentes, no entanto, necessárias para a existência da revelação.

Se afirmamos que a autocomunicação de Deus permanece aberta a todos os seres humanos, afirmamos também que essa autocomunicação de Deus não é exclusividade do cristianismo, dado que também nas outras religiões há momentos singulares de revelação tornados possíveis pela graça de Deus. Porém, não podemos esquecer-nos que a história da revelação acha seu ponto mais alto na *Encarnação do Logos*. É no Logos que, por excelência, se comunica e revela o mistério de Deus. Assim, a autocomunicação gratuita de Deus ao mundo atinge sua manifestação histórico-escatológica no *Mistério da Encarnação*, e dessa maneira a própria autocomunicação de Deus fica impulsionada a partir desse fim, que age como *causa final* (VORGRIMLER, 2006, p. 253).

Na antropologia de Rahner, a graça é entendida como autocomunicação universal de Deus ao ser humano. Portanto, embora o ser humano conheça a finitude no meio do sofrimento e da morte, também por causa da vontade salvífica de Deus, conhece a graça. Esta

graça oferecida a cada ser humano, abrange a humanidade inteira e age como fundamento da existência humana. Assim, todo ser humano atua sob o dinamismo da graça do *Mistério Santo de Deus*. Para Rahner, este mistério é o inefável, mas que se autocomunica como mistério pleno encarnado, na pessoa de Jesus Cristo. Só no mistério do *Verbo Encarnado* se esclarece verdadeiramente o mistério do ser humano. De fato, não há possibilidade de aproximar-nos ao mistério do ser humano sem remeter-nos ao *Mistério da Encarnação*.

O mistério não é dado como algo alheio à condição humana, mas como a experiência radical que atinge cada ser humano na sua condição de possibilidade. Para Rahner (*apud* VORGRIMLER, 2006, p.233), o único mistério existente é Deus em relação com o ser humano; e, se se pode falar de outros mistérios, estes devem ser reduzidos a esse único mistério. Deus continua sendo *Mistério Santo* por excelência, mas é também proximidade que sai ao encontro do ser humano em uma abertura de amor e gratuidade. Portanto, o verdadeiro Deus é o mistério absoluto e santo com quem o ser humano só pode relacionar-se em um gesto de súplica e de silêncio, adentrando-se nele como em um alicerce que continua sendo sempre silêncio.

Assim também, de acordo com Rahner (*apud* TABORDA, 2005, p.84) compreender o conceito sobre *Deus* não significa a apreensão de Deus pela qual a pessoa domina o mistério, mas um deixar-se apreender pelo mistério que sempre está presente e sempre se subtrai. Este mistério permanece mistério, mesmo quando se manifesta ao ser humano, e precisamente assim, fundamenta a possibilidade do ser humano tornar-se evento de sua autocomunicação. Deus é mistério permanente e absoluto que age como condição última e transcendental da condição humana. O ser humano aproxima-se de Deus pela fé e mergulha Nele, porque o próprio Deus já antes, veio em sua direção, aproximou-se em verdade e graça, e o abraçou com suas duas mãos que são o Verbo e o Espírito Santo.

Além do intento do ser humano de situar Deus nas coordenadas do espaço e do tempo, é necessário precisar que jamais esse *Mistério* pode entrar em nosso horizonte restrito de conhecimento. Portanto, é ingênuo pensar que conhecemos Deus como uma realidade a mais entre as outras cognoscíveis, pois isso significaria situar Deus em um plano meramente antropomórfico limitando sua essência. Para Rahner,

Deus é o Aonde que possui liberdade absoluta, um Aonde que está em ação como o indisponível e livre, como o inominado, como o que dispõe absolutamente de tudo em liberdade e amor [...] este Aonde abre ele mesmo a nossa transcendência, transcendência que não é colocada por nós e por nossas forças como se fôssemos sujeitos absolutos [...] podemos dizer que ele próprio age em liberdade e amor, e precisamente a isso é que aludimos ao dizer “Mistério Santo” [...] E o que se poderia chamar de “Santo” se não a este Aonde de amor, amor que na presença do inabarcável e indizível necessariamente se transforma em adoração? (RAHNER, 1979, p.85).

Deus não pode mostrar outra coisa que aquilo que Ele é. Mostra-se a si mesmo como o *Amor Santo dado em contemplação*. A presença de Deus enquanto fundamento e horizonte da criação, acontece no próprio ser humano, sem desvanecê-lo, mas atingindo sua realização. Assim, a experiência transcendental de Deus interpretada pelo cristianismo compreende o *Mistério Santo* de Deus não como distância fria que joga o ser humano na sua finitude, mas como proximidade absoluta de perdão e oferta de si mesmo que vai além da finitude humana. De modo que, a autocomunicação para o cristianismo é compreendida não pelos méritos do ser humano perante Deus, mas pela gratuidade e liberdade do amor de Deus que redime e santifica o ser humano.

CONCLUSÃO

No decorrer dessas breves páginas percebemos como o pensamento de Karl Rahner é atual e pertinente para a compreensão do ser humano na contemporaneidade. Este texto buscou apresentar o ser humano como ponto de partida da reflexão teológica, considerando a antropologia como fundamento indispensável no fazer teológico. No contexto de Rahner, primava a ideia de que o espírito ou a alma imortal, era um dos elementos dentro da totalidade do ser humano que se podiam achar imediatamente em *estado puro*, distinto em sua pureza do resto de elementos constitutivos do ser humano, suscitando certo menosprezo pela corporeidade. Essa compreensão teológica não é muito distinta à dos nossos dias. Nesta perspectiva, o pensamento de Rahner ajuda a desmitificar esse pressuposto dualista e lembrar que uma *natureza pura* não existe e que o ser humano é *um* inteiramente. Somos um todo, que suportamos nossas finitudes e limitações e ao mesmo tempo experimentamos a transcendência do *Mistério Santo* de Deus agindo em nós.

Assim também, a reflexão de Rahner mostra que todo amor é sobrenatural e deve ser garantido pela liberdade, do mesmo modo que toda revelação cristã baseada no amor é chamada a conviver nas diferenças. É no amor que alcançamos a graça como proximidade do *Mistério Santo de Deus*, o qual, quis e realizou a criação, antes de tudo, porque ele é o amor que se entrega a si mesmo e porque quis que na criação existisse o ser humano como partícipe do seu amor. Finalmente, na sua experiência mística, Rahner (1990) escreve: “experimentei a Deus, ao indizível e insondável, ao silencioso e, contudo, próximo, na sua doação a mim [...] a ele que quando pela sua iniciativa se aproxima, não pode ser confundido com nenhuma outra coisa” (p. 7). Essa experiência da proximidade imediata de Deus que não pode ser confundida com nenhuma outra, é sobretudo, experiência de amor. A pessoa que procura viver sua fé com convicção e genuinidade há de procurar o *Mistério Santo de Deus* a partir da sua experiência de amor.

REFERÊNCIAS

- CATECISMO da Igreja Católica. 6.ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas: Loyola, 1993.
- FERREIRA, Pedro Rubens; TABORDA, Francisco. *Karl Rahner 100 anos: Teologia, filosofia e experiência espiritual*. São Paulo: Loyola, 2005.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental sobre la fe*: introducción al concepto de cristianismo. Barcelona: Herder, 1979.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*: introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulinas, 1989.

RAHNER, Karl. *Palabras de Ignacio de Loyola a um Jesuita de Hoy*. Bilbao: Sal Terrae, 1990.

RAHNER, Karl. Misterio de la culpa humana y del perdón divino. *Selecciones de Teología*, Catalunya, v. 22, n. 85, p. 15-21, ene./mar. 1993.

SESBOŮÉ, Bernard. Karl Rahner: itinerário teológico. São Paulo: Loyola, 2004.

VORGRIMLER, Herbert. Karl Rahner: experiência de Deus em sua vida e em seu pensamento. São Paulo: Paulinas, 2006.